**Teleologia das disciplinas de contraponto e harmonia**

Eixo Temático: Pedagogias da teoria e análise musical na América Latina

Em um ensino superior voltado às questões práticas, o nível abstrato próprio dos exercícios de contraponto e harmonia torna o ensino tradicional destas disciplinas especialmente vulnerável às críticas e, em especial, por promoverem uma visão estilística estreita focando sobre a música canônica do ocidente europeu. Para Burstein (2007), no entanto, estas plausíveis reivindicações baseiam-se sobre o falso pressuposto quanto à natureza e função próprias desses exercícios, cujas metas e regras não são e nem devem ser as mesmas daquelas da música real. A natureza artificial deles, apropriada para focar em conceitos essenciais, pode ser comparada com o tipo de condição laboratorial análogo ao estudo técnico de escalas que deixam de lado elementos expressivos essenciais da performance e que favorecem um nível neutro de execução, como forma de majorar o nível de concentração em elementos técnicos específicos. De fato, a outra opção seria trabalhar desde o início com composições modeladas que emulassem um determinado estilo ou compositor. Outrossim, entrariam em cena novos componentes além do contraponto e da harmonia, como ritmo, forma, textura e instrumentação, que infligem novos desafios às composições modeladas e requerem do aprendiz novas habilidades. Nessas condições seria possível vencer as dificuldades desde que o aprendiz já trouxesse consigo significativa experiência prática com performance, composição e improvisação. (cf. BERENTSEN, 2014) Pouquíssimos são os estudos que versam especificamente sobre a problematização do ensino do contraponto ou do ensino da harmonia nos cursos de graduação de nossas IEs. Um raro exemplo é um estudo quantitativo sobre o impacto do ensino do contraponto na vida musical dos estudantes no qual os autores, Ribeiro e Borges (2014) revelam-nos dados contraditórios e frágeis, ao menos do ponto de vista teleológico. Se por um lado a pesquisa confirma entre os discentes a quase absoluta ausência de conhecimentos prévios de música sacra, sem os quais não se pode ancorar e subsumir os preceitos da polifonia renascentista, por outro lado, o resultado da pesquisa com aqueles alunos permite elevar a disciplina a um patamar de importância expressivo, pelo fato desses mesmos alunos reconhecerem nela as potencialidades para agregar e despertar valores relacionados à composição musical, à percepção e à compreensão das estruturas. Com efeito, esse parece ser o grau máximo de abrangência e de envergadura epistêmica que se pode esperar da disciplina de contraponto nos cursos de graduação nos dias de hoje. Em um outro estudo, colocando em um dos extremos os conteúdos propedêuticos típicos da disciplina fundada em Rameau, e no outro extremo a abordagem historicista de Dietter de la Motte (1989a, 1989b) pela qual propõe desvencilhar o aprendiz destes conteúdos, Koentopp (2010), transitando por este caminho do meio, traçou um interessante estudo comparativo entre três dos principais livros didáticos mencionados (não arriscaria dizer utilizados) nos cursos de graduação. Confrontando os livros de Schoenberg (1911), Piston (1941) e o de Kostka e Payne (1984), o autor delineia as discrepâncias e as convergências conceituais entre os autores ao tratarem de uma seleção de tópicos comuns e mandatórios de quaisquer livros de harmonia.

O objeto desta investigação é a pesquisa histórica sobre as edições didáticas das disciplinas contraponto e harmonia, empreita, esta, de grande fôlego e que enseja dificuldades intrínsecas em função da própria natureza e definição do objeto. De fato, o termo livro didático não é expresso de forma inequívoca nas diversas línguas e nem tampouco encontra-se delimitado segundo uma tipologia que contribua para a desambiguação do termo. E se o recenseamento dessa produção for feito pela busca em bases de dados por títulos de livros e artigos os resultados serão certamente imprecisos. (CHOPPIN, 2004) Este é um ponto instigante para a avaliação da produção intelectual na área a qual, sem o escrutínio de natureza epistemológica, torna-se o autor propenso a reproduzir conteúdos e a não ambicionar ir além de conteúdos propedêuticos já cristalizados nas disciplinas. Na busca pelos pressupostos teleológicos das disciplinas harmonia e contraponto, faço-me valer de outra importante teoria cognitiva que até o momento não me consta ter sido aplicada para o desenvolvimento de práticas pedagógicas na área da teoria musical. Trata-se da Teoria dos Campos Conceituais de Gérard Vergnaud (2009) que descreve o domínio de um campo conceitual como um longo processo de conceitualizações desenvolvidos durante o processo de aquisição/interação para o qual concorrem um conjunto informal e heterogêneo de problemas, situações, conceitos, relações, estruturas, conteúdos e operações de pensamento. Mesmo que a TCC encontre seu meio mais natural de aplicação nas ciências matemáticas, de onde ela se originou, interessantemente, durante a última década, novas linhas de investigação vêm sendo empreendidas para o uso da TCC no ensino de ciências naturais. Não apenas comprovam o estudo de revisão bibliográfica sistemática empreendida pelas autoras Cunha e Ferreira como também o próprio Vergnaud que reconhece a aplicação de sua teoria no campo da moral e da história. (cf. CUNHA; FERREIRA, 2020; VERGNAUD, 1996) Outras publicações recentes destinadas ao estudo da formação continuada de professores valeram-se parcialmente dos preceitos da TCC. (cf. ACIOLY-RÉGNIER; MONIN, 2009; SANTANA; ALVES; NUNES, 2015) Ainda que não faltassem argumentos que justificassem a indissociabilidade histórica entre a ciência da música e a ciência da matemática, a TCC foi inserida nesta investigação não apenas porque apresenta pontos de contato evidentes com a Teoria da Aprendizagem Significativa (AUSUBEL, 2003) e a Teoria dos Mapas Conceituais, mas também porque o conceito de esquema e situação são duas contrapartes inextricáveis do desenvolvimento das formas operacionais e predicativas do conhecimento. Conhecendo a complexidade progressiva do campo conceitual e a epistemologia da disciplina permite-se ao professor organizar situações e intervenções didáticas mediadoras. A atividade em situações é essencial para a TCC e a escolha de situações em algum campo conceitual consiste no primeiro ato de mediação dos professores, seguido de outros atos como mediar novos conhecimentos e seus sistemas simbólicos de representação. (VERGNAUD, 2013)

Palavras-chave: Contraponto; Harmonia; Teleologia; Teoria dos Campos Conceituais.

983 palavras ao total

ACIOLY-RÉGNIER, N. M.; MONIN, N. Da teoria dos campos conceituais à didática profissional para a formação de professores: contribuição da psicologia e da sociologia para a análise de práticas pedagógicas. **Educação Unisinos**, v. 13, n. 1, p. 5–16, 2009.

AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.

BERENTSEN, N. From Treatise to Classroom: Teaching Fifteenth-Century Improvised Counterpoint. **Journal of the Alamire Foundation**, v. 6, n. 2, p. 221–242, 2014.

BURSTEIN, L. P. Realidade e fantasia na classe de teoria musical tradicional. In: NOGUEIRA, I.; BARROS, G. S. DE (Eds.). . **Teoria e Análise Musical em Perspectiva Didática**. Salvador: TeMA, 2007. p. 47–72.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 3, p. 549–566, dez. 2004.

CUNHA, K. M. A.; FERREIRA, L. N. DE A. A Teoria dos Campos Conceituais e o Ensino de Ciências: Uma Revisão. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, p. 523–552, 2020.

KOENTOPP, M. A. **Métodos de ensino de harmonia nos cursos de gradução musical**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010.

KOSTKA, S.; PAYNE, D. **Tonal Harmony**. New York: McGraw-Hill Education, 1984.

MOTTE, D. DE LA. **Harmonielehre**. Kassel: Bärenreieter, 1989a.

MOTTE, D. DE LA. **Kontrapunkt**. Kassel: Bärenreieter, 1989b.

PISTON, W. **Harmony**. London: Victor Gollancz Ltda, 1941.

RIBEIRO, W. A. F.; BORGES, M. R. Contraponto : impactos de seu estudo na vida musical dos estudantes de música da Universidade Federal de Sergipe Introdução O Contraponto através dos séculos. **VI Simpósio Sergipano de Pesquisa e Ensino em Música – SISPEM**, p. 1–11, 2014.

SANTANA, E.; ALVES, A. A.; NUNES, C. B. A teoria dos campos conceituais num processo de formação continuada de professores. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, v. 29, p. 1162–1180, 2015.

SCHOENBERG, A. **Harmonielehre**. 3. ed. London: Universal-Edition, 1911.

VERGNAUD, G. Education, the best portion of Piaget’s heritage. **Swiss Journal of Psychology**, v. 55, n. 2–3, p. 112–118, 1996.

VERGNAUD, G. The theory of conceptual fields. **Human development**, v. 52, n. 2, p. 83–94, 2009.

VERGNAUD, G. Pourquoi la théorie des champs conceptuels? **Infancia y Aprendizaje**, v. 36, n. 2, p. 131–161, 2013.